



A saga de Zeca Brejeiro

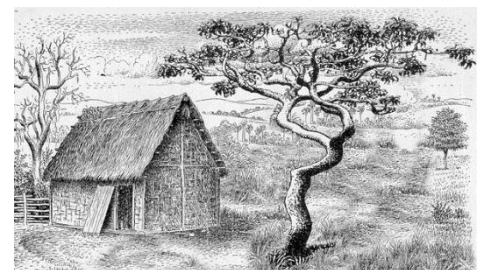


Altair Sales Barbosa

Tá vendo aquele pequizeiro frondoso margeando o restinho que sobrou daquela vereda. Dizem que ali, bem ao lado daquela árvore existia um rancho de buriti. Nele vivia um moreno com a pele igual à cor de rapadura, conhecido como Zeca Brejeiro. Feroz trabalhador, inteligente e muito cheio das sapiências.

Nos brejos, sem arrancar uma plantinha que ali nascia, ele cultivava feijão, mandioca, abóbora, cabaça e até arroz. Aqui e acolá, entre um ponto e outro da vereda, era comum ver alguns mamoeiros, cujos frutos serviam tanto para seu consumo, como também para os animais.

Era mestre em seguir as desconfiadas uruçus. De suas colméias, ele retirava, sem destruí-las, o mel para sua sobrevivência.



Também conhecia os segredos dos vegetais. Era comum ver vaqueiros transeuntes parados no seu rancho, solicitando ervas para curar alguma doença malinada. Entretanto, sua maior virtude era o dom da música. Ele era a própria essência dessa arte. Ele mesmo fazia suas rabequinhas e violas, usando pedaços de madeira, que já adormeciam por aqueles longínquos e intermináveis gerais. Para seu acabamento utilizava ferramentas rústicas, algumas fabricadas por ele mesmo, no limo da pedra de amolar.

Sua rabequinha tinha quatro cordas de tripa. Era usada apoiada no ombro esquerdo e com a voluta para baixo, quando a tocava irradiava no ar uma sonoridade fanhosa como o canto da acauã. Sua viola tinha cinco pares de cordas de arame, quando a dedilhava era como se ecoasse pelos ares uma orquestra de aves canoras.

Tanto a fanhosidade da rabeça, quanto a canoridade da viola deixavam o ar com um sabor adocicado, que entrava pelos ouvidos e acalentava a alma do vivente.

Contam que quando Zeca Brejeiro manejava seus instrumentos musicais, tudo em volta parava para ouvir a sua música. Os rios corriam mais serenos, os ventos deixavam de balançar as palmas do buriti, suçupara esticava seu pescoço, que de longe se podiam avistar as galhadas, só para apreciar aquela melodia, suçarana encostava a barriga na relva fresca e descansava no leito da vereda. Lobo Guará levantava as orelhas igual favas de xixá, para ouvir as boas notas que recheavam o ar. Arara, periquito, papagaio, juriti, tudo se aquietava, na hora que Zeca Brejeiro tocava.

Um belo dia, rompe naquelas redondezas um som diferente, não era o som dos ventos, que freqüentemente redemoniavam as relvas dos gerais, nem a cachoeira, rugindo nas pedreiras, também não era o grunhindo dos queixadas, nem o esturro da onça pintada. Era o roncar de um trator puxando uma carreta recheada com bolas de arame farpado.

Zeca Brejeiro mirando desconfiado aquela cena, pensou consigo mesmo: - deve ser o tal do grileiro, que certa vez Lídio vaqueiro me contou. Lembrou que Lídio também lhe havia dito, que este tipo de gente procura apossar-se de grande quantidade de terras, mediante falsas escrituras de propriedade, que adquirem subornando os cartórios.

Não era o grileiro, era apenas um de seus representantes. No outro dia foi chegando mais gente e mais máquinas, que se avolumavam ao sabor do tempo. Tudo isso acontecendo com desprezo à existência de Zeca Brejeiro.



Logo surgiram cercas longas, maiores que as curvas das veredas. As máquinas que chegaram, não perderam tempo, de imediato, foram atirando ao chão pedaços daquela vastidão, que os dias se responsabilizavam para aumentar cada vez mais os hectares degradados.

Zeca Brejeiro tentou por diversas vezes reagir, mas era ignorado e ridicularizado pelos capatazes do misterioso grileiro.



Um dia, saiu bem cedo para coletar mel de uruçú, quando retornou, seu rancho havia sido sapecado, qual a penugem de um capão sendo preparado para uma senhora em época de resguardo. Por sorte, sua rabequinha e sua viola que estavam num saco de meia dependurado num dos galhos do pequizeiro, não foram atingidas pelas chamas devoradoras.

Contam que quando Zeca Brejeiro viu aquela cena, ficou imóvel, não teve reação de desespero, apenas se ajoelhou, balbucionou alguma oração onde entre uma frase e outra se ouvia: - Sei que a noite é uma senhora, logo chegará o amanhecer!

Tomou pelas mãos o saco de meia, com os instrumentos, e cuidadosamente o alojou no dorso e saiu pelos brejos adentro daquela vereda.

Ninguém mais tem notícias suas. Se é vivo ou se morreu, ninguém sabe.



Apois se conta ainda hoje que um velho vaqueiro atrevido que por aquelas bandas passava, trouxe a notícia que todas aquelas plantas foram atiradas ao chão e que por ironia do destino só sobrou o velho pequizeiro. Este vaqueiro disse também que se arrepiou todo, quando um pé-de-vento soprou os galhos daquela árvore, pois estes rangiam tal qual o som da rabequinha de Zeca Brejeiro.